

A FRAGILIDADE DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES/AS

*“O trabalho é uma realidade essencial para a sociedade,
para as famílias e para os indivíduos”*

Papa Francisco

Os 12 municípios que formam o Sul Fluminense no Rio de Janeiro são conhecidos como uma região industrial, fabricante de aço e marcada pela luta dos trabalhadores urbanos. A Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, que chegou a empregar trinta mil funcionários até a década de 90, com a privatização reduziu para menos de cinco mil empregados. Todos os demais hoje são contratados por empresas terceirizadas. A Estatal criada nos anos 50, pelo Presidente Getulio Vargas foi responsável pelo crescimento da região e da migração da população mineira, principalmente do Sul de Minas que deixou suas origens em busca de trabalho. Outras Indústrias foram instaladas na região como a Votorantim, Saint-Gobain e mais tarde indústrias automobilísticas etc.

Em vista dessa realidade, a região sempre foi marcada pela luta de classe. Os Sindicatos até os anos 90 eram fortes e defendiam os direitos dos trabalhadores. Muitas greves foram realizadas aqui, e nós, Irmãs Catequistas Franciscanas que chegamos na Diocese de Barra do Pirai e Volta Redonda, no ano de 1987, participamos dessas lutas, mobilizando as mulheres dos trabalhadores para incentivar seus maridos e companheiros a manter-se fiel às greves, indo para os portões das fábricas para levar alimentação, água e seu apoio moral. Nos tempos de eleições dos Sindicatos, as irmãs se juntavam às mulheres e íamos para os portões das fabricas distribuir panfletos e fazer campanha para as chapas que defendiam os direitos dos trabalhadores.

A luta de classe se intensificou no final de 1987, quando durante a greve, o exército ocupou a CSN e matou três funcionários, depois disso mataram o presidente do Sindicato Juarez Antunes, líder sindical que era um representante legítimo deles.

O Sindicato dos metalúrgicos com apoio do bispo Diocesano Dom Waldyr Calheiros que sempre esteve ao lado dos trabalhadores, fez um monumento com o nome dos três mártires mortos pelo exército e o colocaram na praça em frente à CSN. Essa atitude irritou o exército que soltou uma bomba no local, destruindo o símbolo que representava a luta e o sofrimento desses empregados. Em todos esses momentos nós, irmãs, marcamos presença, principalmente a Irmã Teresinha Tontini e eu que formávamos a fraternidade.

Infelizmente a privatização, a onda de terceirização e as convenções trabalhistas, mudaram a realidade. Hoje a região não tem mais a marca da luta dos trabalhadores e os Sindicatos não os representam mais.

O Papa Francisco na audiência com dirigentes e funcionários das siderúrgicas de Terni e aos fiéis da diocese de Terni – na Itália no dia 20 de março de 2014, se manifestou sobre o trabalho dizendo: *“É preciso reafirmar que o trabalho é uma realidade essencial para a sociedade, para as famílias e para os indivíduos. O trabalho, de fato, diz respeito diretamente à pessoa, à sua vida, à sua liberdade e à sua felicidade. O primeiro valor do trabalho é o bem da pessoa humana, porque a realiza como tal, com as suas atitudes e as suas capacidades intelectuais, criativas e manuais. Daqui deriva que o trabalho não tem somente uma finalidade econômica e de lucro, mas, sobretudo, uma finalidade que interessa ao ser humano e à sua dignidade. A dignidade da pessoa está ligada ao trabalho”*. Continua o Papa Francisco: *“Ouvi alguns jovens operários que estão sem trabalho, e me disseram isto: “Padre, nós, em casa – minha mulher, os meus filhos – comem todos os dias, porque a paróquia, ou o clube, ou a Cruz Vermelha, nos dão de comer. “Mas, Padre, eu não sei o que significa levar o pão pra casa, e eu preciso comer, preciso ter a dignidade de levar o pão pra casa”*”.

É essa a realidade do/a trabalhador/a hoje no mundo inteiro. Cada dia mais o poder econômico se fortalece às custas dos mais fracos. Vejam toda a discussão do Congresso Nacional para aprovar 100% a terceirização no mercado de trabalho. Já existe uma Súmula do Tribunal Superior do Trabalho (TST) que permite 30% a terceirização, mas protege empregos diretos ligados à atividade, como a de professores. Já os serviços de limpeza e segurança podem ser terceirizados. A PEC (proposta de emenda Constitucional) 4330, do jeito que foi encaminhada para o senado, permite a terceirização de todos os serviços de uma empresa. Assim ela gasta menos com a folha de pagamento e os encargos sociais, evitando a responsabilização direta pelo não cumprimento dos direitos. Essa PEC estava engavetada desde 2004 e foi colocada em pauta devido ao financiamento das grandes empresas na campanha política de 2014. Será o fim dos direitos constitucionais garantidos na Carta Magna de 1988 e da própria CLT – Lei de Consolidação do Trabalho, Direitos esses garantidos com o suor e a morte de muitos trabalhadores e trabalhadoras.

Não podemos permitir essa perda, por isso aqui na região da Diocese, os Movimentos Sindicais e a Sociedade civil tem se levantado contra esse retrocesso e exigindo uma Reforma Política popular e democrática.

A terceirização, além da perda de direitos, vai aumentar o desemprego e as péssimas condições de trabalho. Quem vai ganhar com isso? As grandes empresas que poderão ficar sem nenhum empregado e sem nenhuma responsabilidade de pagar impostos.

Enquanto se levantava o debate sobre a terceirização, professores do Paraná e de São Paulo foram recebidos pelos policiais com bombas e cassetetes. Sabemos nós o quanto os profissionais da educação são desconsiderados e desrespeitados. Quando esses maus gestores vão aprender a respeitar e tratar com dignidade os professores? Que Brasil queremos construir?

O Dia do Trabalhador/a foi criado em homenagem à memória dos mártires de Chicago, executados em função dos conflitos trabalhistas ocorridos naquela cidade, em 1886. Milhares de trabalhadores foram às ruas para protestar contra as condições desumanas a que eram submetidos, e exigir a redução da jornada de trabalho de 13 para 8 horas diárias. Os anos se passaram mas a política econômica e capitalista continua matando e oprimindo a classe trabalhadora no mundo inteiro.

Não muito diferente é o trabalho escravo, que apesar dos avanços tecnológicos e a era da informática, continua a exploração dos pobres, das crianças e dos adolescentes. São milhares de crianças que têm sua infância roubada pelo trabalho escravo, isso bem próximo de nós.

E as mulheres? Até hoje temos uma jornada de trabalho duplicada, trabalhamos mais, somos mais eficientes, mais bem preparadas e com o salário menor. Percebemos que o machismo, a intolerância, a questão de gênero no trabalho tem muito que avançar. Não podemos esmorecer diante de uma realidade tão fria e calculista que pensa somente no lucro, mas esquece o Ser Humano. É preciso arregaçar as mangas e continuar lutando e acreditando que outro mundo é possível.

Ana Maria Vicente Soares

Fonte de Pesquisa: Brasil de Fato, Revista do Vaticano, Adital do Brasil, Constituição Federal